

Colóquio Internacional: “O Encontro”
O encontro: convergências em Psicanálise

Maurício Eugênio Maliska
Representando Maiêutica Florianópolis – Instituição Psicanalítica

Cada vez mais nos deparamos com o avanço das telecomunicações, com novas tecnologias que diminuem as distâncias e fazem com que as mensagens cheguem a seus destinatários de forma mais rápida. Diante das distâncias e de um mundo cada vez mais apressado, podemos pensar em tempos e espaços diversos como possibilidades do encontro sugerido pela psicanálise? Trata-se, neste texto, de pensar em primeira mão, o que é um encontro na psicanálise? Há encontro? Em caso afirmativo, de ser possível esse encontro, como ele se dá? Refere-se à sessão analítica que tem um tempo e espaço para acontecer, ou o encontro pode transbordar o imaginário da realidade para tocar no simbólico das posições subjetivas e no real que nos assola. Colocado os vetores principais da condução desse texto, podemos pensar a análise em outras possibilidades espaço-temporais, tais como: De que forma podemos pensar em análises que ocorrem de forma concentrada, com várias sessões em um curto espaço de tempo? Quais os efeitos de uma análise em que as sessões ocorrem de forma concentrada cujos períodos mostram uma não regularidade semanal? Poderíamos acrescentar aí a experiência de análises por telefone ou skype? Seriam possibilidades inventivas ou formas da análise ficar reduzida a uma experiência imaginária? São novos meios de atendimentos, que acompanham nossa época, ou a resistência que faz a psicanálise não funcionar. Tudo isso são desafios da clínica na atualidade ou reedições das clássicas resistências à sexualidade? Não cabe decidir, mas colocar em questão as condições e possibilidades de encontro numa análise.

O encontro pode ser concebido numa perspectiva real, como sendo a convergência, ou até mesmo colisão, de dois corpos num mesmo e exato ponto no tempo e espaço. Para a Física, isso toma ares de um real imprevisível, uma vez que as órbitas dos corpos terrestres não são fechadas como aquelas dos corpos celestiais. No que tange ao humano, diante de rotas tão alteradas, o encontro entre os corpos pode se dar em um real impossível de ser previsto. Seria dessa ordem o encontro entre o analista e o analisante? Não totalmente, pois esse encontro não é guiado apenas por um acaso real, no sentido do caso, daquilo que cai, como um objeto, e cai nas mãos do analista. Além desse real, há precedentes imaginários e simbólicos que contribuem para essa direção, ou seja, o encontro entre analista e analisante não se dá totalmente nesse real do a-caso, mas teleguiado pela transferência imaginária e simbólica que vetoriza a direção para o encontro com o analista. Contudo, não podemos entender o encontro na análise apenas nessa imagem de dois sujeitos (um analista e um analisante) que se encontram para desenvolver uma análise, sob pena de ficarmos limitados a uma cena puramente imaginária, sem ler os atravessamentos simbólicos e reais desse encontro.

A rigor, poderíamos nos perguntar se há encontro numa análise, dada a disparidade subjetiva entre analista e analisante. Como diz Freud, os analisantes se surpreendem quando percebem que o analista é feito do mesmo barro que eles, mas mesmo sendo sujeitos do inconsciente, analista e analisante não ocupam a mesma posição discursiva numa análise. Há uma diferença na posição estrutural, em que um não está na mesma relação que o outro diante

da palavra. Tal como menciona Lacan¹ em *Lituraterra*, há “[...] a aliteração nos lábios, a inversão no ouvido”, ou seja, um produz a aliteração nos lábios, com suas lalações, balbucios languageiros, enquanto o outro produz “a inversão no ouvido”, ou seja, uma torção na escuta ou um audicionar, como propõe Harari². Isto diz respeito não somente a escuta dos significantes numa cadeia simbólica de associação livre, mas também algo da lalação, da *lalangue*, de um real da língua não escutado, mas audicionado.

O encontro, então, não está situado numa relação equivalente entre as partes; há disparidade. A relação sexual, no sentido da proporcionalidade e equiparidade, não existe. Dessa forma, existem relações sexuais, como trocas possíveis entre os sexos. Não havendo equiparação, o encontro é dispare, não complementar, nem equivalente. Do ponto de vista simbólico, as insígnias significantes marcam que o encontro em Psicanálise não se dá apenas no real encontro entre os seres, nem tão pouco no imaginário do consultório analítico. Quando um analisante, por exemplo, diz algo como: “Fiquei pensando naquilo que me falaste na última sessão”, ele está dizendo que o encontro com o analista perdurou por toda a semana, que o dizer do analista o acompanhou durante esse tempo. Está aí também uma forma de encontro? O encontro, então, poderia ser definido como o efeito da palavra sobre o sujeito, no sentido de capturar algo de seu desejo. Sabemos que a transferência aumenta e faz a análise progredir a partir daquilo que é dito, ou seja, se a escuta do analista realmente produz uma intervenção que captura o sujeito. Como diz Lacan³, como colocar o elefante selvagem dentro do curral? Deixe a porta aberta, ou seja, é necessário fazer com que o encontro se produza na escuta, naquilo que o analista pode escutar do analisante. É aí que a análise pode ocorrer.

Diante do exposto, gostaria de trabalhar duas possibilidades de encontro que não são tradicionais em nossa prática clínica, mas que nos colocam em questão. Refiro-me a sessões que estão distribuídas de forma irregular no tempo. Por exemplo, o analista encontra o analisante uma vez a cada três meses e em um período de dois dias realiza 10 sessões. Outra possibilidade de trabalho a ser mobilizada nesse texto seria o encontro entre analista e analisante por telefone ou skype.

No primeiro caso, parece necessário recuperar uma das principais características do inconsciente, a atemporalidade. Se o inconsciente é atemporal, não segue uma linha do tempo retilínea, uniforme, progressiva, porque as sessões que tratam desse sujeito do inconsciente deveriam seguir uma regularidade temporal, marcadas pela cronologia? A sessão analítica não é temática, nem circunscrita ao que está se passando no dia-a-dia da vida do sujeito, logo, realmente não precisa ser feita numa periodicidade diária, semanal, quinzenal ou mensal. Parece que esse elemento tempo pode funcionar bem dentro desse dispositivo que quebra com a regularidade temporal da sessão. Contudo, fica o questionamento sobre o laço transferencial, ou seja, como manter esse laço com encontros tão espaçados no tempo? Parece ser necessária uma transferência bem estabelecida, que possa produzir um efeito simbólico da presença do analista nesses momentos de ausência, de espaçamento entre as sessões. Com isso, entramos em toda a problemática da transferência e de seu suporte (i)material, ou seja, a transferência se mantém pela escuta do analista, esta é a sua presença. Dessa forma, o analista é uma função de escuta, um lugar de interpretação sobre aquilo que o sujeito diz. Nesse caso, os encontros, nas sessões, parecem representar a entrada em cena desse real da presença, para além das imagens imaginárias e das insígnias simbólicas. A presença nos encontros, nas sessões, produz essa assertiva que o analista está ali a escutar e que, a partir disso, o analista poderá se ausentar na medida em que resta esse eco de sua voz, essa reverberação das

¹ Lacan, J. *Lituraterra*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Zahar Editor, 2003, p.15.

² Harari, R. *Palabra, violência, segregación y otros impromptus psicoanalíticos*. Buenos Aires: Catálogos, 2007.

³ Lacan, J. *Seminário 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2005.

palavras ditas e escutadas na análise, que ficam ressoando algo ao sujeito, até o próximo encontro.

Outra possibilidade que quero tocar nesse texto, diz respeito ao encontro não presencial entre analista e analisante. Um encontro que não ocorre no interior de um consultório, mas de forma virtualizada, utilizando-se das tecnologias como o telefone e o skype. A virtualidade em nossa época atravessa nossas relações cotidianas, nos impele a usá-la e nos coloca inevitavelmente nessa posição em que isso faz parte do mundo moderno. Exemplos disso são os celulares, *e-mails*, *Facebook* e *WhatsApp* cada vez mais difundidos na cultura e nos diversos ambientes sociais. De que forma esses meios de “comunicação” atravessam nossa prática clínica? Qual a posição do analista diante dessas mensagens que lhe chegam, por exemplo, pelo *Facebook* e *WhatsApp*? São novos meios para velhas atuações do sujeito? Diferentes possibilidades para as conhecidas demandas se alojarem? Substanciadas no corpo social, essas tecnologias da comunicação proporcionam, ainda mais, a supressão da voz enquanto possibilidade de um encontro fonante e pulsional do sujeito com o Outro? Ou seja, o real do corpo sai de cena para a entrada de um corpo imaginário, (i)lustrado nos *perfis* imaculados da imagem narcísica. E a fala, onde está? Este representante simbólico que singulariza a subjetividade, que representa o sujeito diante da cadeia significativa, parece dar lugar às escritas criptografadas, coletivizadas e desubjetivadas.

Tudo isso são desafios da clínica na atualidade ou reedições das clássicas resistências à sexualidade? É possível pensar em análises conduzidas por esses meios? Um fragmento que posso extrair de minha própria clínica, diz respeito a uma análise que seguia de forma presencial, até o momento em que a analisante é aprovada em um concurso público e muda de cidade. Essa aprovação a deixou bastante angustiada, insegura e em conflito com o seu próprio desejo, pois ela desejou muito estar naquele cargo e, agora, que isso se realizava, vinha uma enorme angústia. Demos continuidade à análise por via telefônica, via essa que alterou bastante o andar de sua análise. Em primeiro lugar, o próprio recurso tecnológico falhava e fazia com que houvesse cortes na fala. Para além das dificuldades ou entraves tecnológicos, parece que o registro do imaginário se fez mais presente na análise, na medida em que era necessário alguma sinalização vocal da presença do analista ou a intervenção precisava se fazer mais expositiva, por vezes, explicativa. A distância requereu que o analista se presentificasse de outras formas e geralmente formas mais imaginárias, com uma vocalização do tipo “Humm!” “Ahhh!”, enfim, marcações que tentavam ancorar um suporte pra esse encontro sempre pautado por falhas.

Há, contudo, uma particularidade do caso, uma vez que a analisante estava angustiada com a mudança de cidade e a assunção ao novo posto de trabalho. Essa angústia requisitava a presença do analista, para colocá-la diante da dimensão da falta que ela tanto queria obturar. Contudo, como diz Lacan, a angústia deve ser dosada. Nesse sentido, se fazia necessário uma intervenção que levasse em conta essa dosagem numa via outra que não o tradicional encontro presencial entre analista e analisante. Desse modo, a clínica psicanalítica nos coloca em contato com outras formas de fazer e com desafios diante de demandas e modos de operar a subjetividade de nossa época.